

HOMENAGEM

GENERAL LECLERC



Precedendo a todos, o Chefe de sua guerra vitoriosa: o GENERAL LECLERC.

Nota da Redação — *A França perdeu um Soldado dessa tempera que honra uma raça: o general LECLERC.*

De pequena estatura, aparentemente franzino, era uma alma de diamante num corpo de aço. Um dinamo de energia irradiante, que

criava em tórno de si um campo de forças físicas e morais, eletrizando e impulsionando os que de perto ou de longe lhe obedeciam ao comando, transformados noutros tantos soldados intrépidos e abnegados até o heroísmo. Sua vontade foi como uma centelha que, jorrando das profundezas do TCHAD, fulminou de passagem, num impeto incontido, as forças inimigas de PEZZAN, da TRIPOLITANIA, da TUNISIA e, saltando o Mediterraneo, passou por PARIS e foi explodir em STRASBURGO. Foi, enfim, um verdadeiro chefe. Só tombou ferido de morte por um golpe traiçoeiro do Destino.

"A Defesa Nacional, associando-se ao pesar do glorioso Exército francês, julga prestar à memória do General LECLERC a melhor das homenagens, transcrevendo as belas páginas que sobre o chefe memorável escreveu seu bravo adjunto, o General INGOLD, em "França e seu Império na Guerra", obra dedicada ao General DE GAULLE, o Libertador do Território.

* * * AS TROPAS SAARIANAS (1)

Enquanto a 1.ª Divisão francesa livre combatia perto das costas da África, as tropas do TCHAD constituíam-se e lutavam, desde os primeiros dias, no próprio coraço desse Continente.

Núcleo da Divisão famosa, a Coluna LECLERC já possuía todas as qualidades

táticas da Divisão LECLERC, e todas as suas características singulares, decorrentes das circunstâncias em que nasceu e da personalidade de seu criador.

Surgindo sob o signo do motor, da rapidez, da audácia na concepção e na execução, essa falange heróica ocupa um lu-

gar de escôl na guerra como em nossos corações. Libertou PARIS e conquistou STRASBURGO.

O segrêdo do seu cunho guerreiro, é o seu Chefe. Soldado prestigioso, o General LECLERC soube fundamentar sua autoridade numa verdadeira mística:

— Mística do chefe. Os homens têm nele uma fé que lhes inspira uma espécie de amor por ele...

— Mística do corpo. Cada unidade se considera como um membro moral de uma entidade espiritual...

— Mística do combate individual. As operações do deserto deviam exaltá-la nas equipagens, sempre estreitamente solidárias, entretanto, com a manobra e o combate de conjunto.

— Mística, enfim, da Pátria, através do sentimento que um verdadeiro soldado devota ao exército.

A coluna mais tarde, será Divisão; a Corte se transformará na Legião, sem nada perder de sua alma na metamorfose...

Tal era a Coluna, tal será a Divisão.

Um corpo harmonioso e possante, bafejado pelo espírito. Um ser completo, magnífico e vivaz cujo berço foi o TCHAD, e demiurgo um soldado bronzeado pelo sol da África.

O mesmo que, em 25 de agosto de 1944, de pé no seu carro, afastava com um gesto amistoso e familiar da mão, a turba que o rodeava, e respondia ás aclamações dos parisienses com um sorriso do olhar, de que eles jamais se esquecerão: o General LECLERC. (1)

(1) — Obra cit.

* * *

Fezzan - Tripolitania - Tunísia

Pelo General INGOLD

OS DO TCHAD

Defronte do FORTE LAMY, para além da larga corrente do LOGONE e do CHARI, que se despeja no lago TCHAD, estende-se uma planície baixa, semeada de arbustos espinhosos côr de ferrugem. Na época das chuvas, a torrente se alarga, as margens tornam-se incertas, e as pirogas circulam por sobre as terras inundadas. As águas deslizam por cima da macega, antes refúgio de antilópes, roçando, ao passar, os galhos espinhosos momentaneamente submersos.

Esta planície, face ao Forte ILAMY, é o campo de batalha de KOUSSERI.

Campo de batalha com tantos outros da ÁFRICA? Não.

Esse campo de batalha de KOUSSERI marca uma grande data, a maior, talvez, na história da expansão francesa na África. KOUSSERI viu, com efeito, o esmagamento de RABAH, o dorradeiro grande tirano da

África do Norte. E, fato notável, a esta batalha estiveram presentes todo o Império, toda a França: a África do Norte, herdeira da glória de LAMORICIÈRE, de BUGEAUD com o major LAMY, a África Ocidental, herdeira da glória dos FAIDHERBE, dos GOÛRAUD, com o capitão JOALLAND, a África Equatorial, herdeira da glória do almirante BOUVET, de SAVORNAN DE BRAZZA com GENTIL. Franceses de todas as províncias da França enquadravam essas tropas vindas do norte, do oeste, do sul, para essa reunião de batalha. Na tarde de KOUSSERI, todo o bloco francês se amalgamava. Mais de um século de esforços, de bravura e de proezas recebia sua auréola.

Nesse lugar, um dos de mais difícil acesso do continente africano, talvez esquecido por séculos? Não! Foi nesse lugar, do qual a maior parte dos franceses

perdera a lembrança em 1940, que ressoou o eco do primeiro apêlo do General de GAULLE e nasceu o "primeiro gesto da Resistência francesa".

« Extranha coincidência? Não, mas lugar predestinado, marcado pela história para constituir-se em cadinho dessa fé tchadiana que vai arrebatar a vitória ao longo das suas etapas: CHEREN, MOURZOUK, KOUFRA, TRIPOLI, TUNIS, PARIS, STRASBOURG. E a força do destino proporcionará a esses homens do TCHAD o primeiro desfile da vitória em PARIS, libertado, dia por dia, quatro anos depois de sua "Rebelião".

Sua fé profunda reúne seres que nenhum sentimento moral, religioso ou político aproximava. Ela divide também súbitamente, aqueles que tudo parecia unir: missionários vão ao combate ao lado dos forçados, e irmãos encontram-se, face a face, como adversários.

Uma fé vive pelos seus mártires.

Para durar, para crescer, sua Fé precisa da Morte, cruel contraste! Quanto mais tombam os mortos, mais se alteia a Fé, mais numerosos são os que acodem ao seu chamado.

Eis, então, precedendo a todos, aquele que devia ser o chefe de sua guerra gloriosa, centelha que atearia incêndios, o General LECLERC.

"Bem sei que é difícil exigir das tropas do TCHAD mais fanatismo ou impulsão; que se tranquilizem: tudo quanto puder ser tentado, do ponto de vista de combate, o será".

Foi nesses termos que, a 2 de dezembro de 1940, o Coronel LECLERC falou às suas tropas, ao assumir o comando do Território do TCHAD.

E "tudo quanto pode ser tentado" o será no decorrer dos anos 1941-1942 e 1943.

* * *

Esse combate apresenta características inórentes à topografia dos lugares em que se desenrola. Temos assim:

— As operações tipicamente saarianas e as campanhas da ERITRÉA e da TUNISIA. As primeiras pertencem à guerra do deserto, as segundas à guerra nas regiões montanhosas.

Três episódios balizam as operações saarianas:

— O raid sobre MOURZOUK, seguido da tomada de KOUFRA, a inquietação do FEZZAN e, finalmente, sua conquista.

A campanha da ETITRÉA é assinalada pela ação brilhante de um Batalhão do TCHAD, o B. M. 3, comandado pelo major GARBAY, o futuro General da primeira D. F. L.

A da TUNISIA se inicia, depois da conquista definitiva de FEZZAN e da entrada em TRIPOLI, com os combates de KSAR RHILANE, e compreende o "rush" final para TUNIS.

Um traço de ordem moral liga muito intimamente as operações saarianas às campanhas da ERITRÉA da TUNISIA: nasceram da vontade de manter a França na guerra — engajando a qualquer preço "operações ofensivas francesas que partissem de um território francês, sob o comando de chefes unicamente franceses".

Foi a necessidade de ter a França presente onde quer que se combata que lançou um Batalhão do TCHAD ao assalto das montanhas da ERITRÉA e levou a MASSAOUAH, nas praias do mar Vermelho, o desfile vitorioso de nossos atiradores SARAS, vindos de FORT-ARCHAMBAUT. Foi essa necessidade que, em TRIPOLI antes da nossa campanha da TUNISIA, levou o General LECLERC a dizer ao General MONTGOMERY:

"Não somos numerosos, falta-nos certo material necessário para esta batalha tunisiana cujo carácter difere do das nossas operações saarianas. Não vos interessamos, sem dúvida, em face dos consideráveis meios de que dispondes, mas pedimos que nos empregueis, porque é preciso. É preciso, pela França".

* * *

A guerra saariana foi um longo assalto... Um assalto através das dunas, dos "serir" vermelhos, dos "serir" negros, das depressões de "fech-fech" — terra putrefacta — na qual uma jornada de esforços mal proporciona um avanço de alguns quilómetros, por entre as miragens que parecem surgir da terra e desaparecem súbitamente, para reaparecer mais longe.

Um assalto que contrasta com aqueles que os veteranos conheceram nos campos de batalha de ARTOIS, da CHAMPAGNE, de VERDUN. O de ontem, curto, brutal, através dos terrenos devastados, semeados de redes de arame, excavados. O de hoje, longo, metódico, através de espaços infinitos.

Duas palavras, entretanto, dos combates de outrora, lhes vêm á boca: "A cousa vai?" Elas não se dirigem mais ao homem ofegante das longas cadeias humanas que percorrem os "boyaux" da frente, mas ás equipas que sofrem além, na areia dos horizontes ultrapassados.

Um assalto a um inimigo que não se vê, mas cuja aparição no horizonte buscam continuamente, como marinheiro espreita ao longe a visão duma esquadra inimiga.

A palavra de ordem é "lançar-se em sua perseguição e tentar, pela manobra, cortar-lhe o caminho...", o caminho através de um mar de areia, enquanto, nas peças, atiradores, apontadores, desencadeiam o tiro de nossas armas.

Sua guerra é, assim, — na sua forma — muito mais uma guerra marítima do que terrestre.

Tais como as esquadras — aos sinais de bandeiras de cores diversas hasteadas pelos chefes — os agrupamentos motorizados se alongam em colunas, ou súbitamente se desdobram em batalha.

Tais como as esquadras — nas horas perigosas do dia quando os aviões inimigos os sobrevoam — vão esconder-se, como nos "fjords", nas gargantas dos maciços rochosos que, do TIBESTI, se estendem para FEZZAN.

Tais como as esquadras — com o in-

tervalo de semanas — reencontram-se em pontos precisos do deserto, cuidadosamente determinados, como os navios no oceano.

Tais como as esquadras — fazem o ponto na tarde das longas etapas e dos combates.

Nos dias de ventania, a areia, no cimo das dunas, se espalha como a espuma na crista das vagas e, no ar obscurecido, os veículos se perdem de vista, como os navios na tempestade.

Sob o ataque inimigo, quando um dos seus veículos é atingido, uma alta coluna de fumaça negra anuncia ao longe sua perda, tal como no mar o pavio ferido.

A equipa é, nesta guerra, a própria célula de combate. O General LECLERC insiste sempre sobre esse ponto. O valor de uma viatura, é o valor de sua equipagem... A ação de uma viatura pode ser decisiva.

A vida em equipas cria entre os homens um verdadeiro "espírito de equipagem".

Ontem, os infantas da esquadra, como hoje os do grupo, ligam-se por numerosos laços, mas na marcha de aproximação, na batalha, cada homem retoma sua individualidade segundo a função que exerce na ação... granadeiro... fusileiro-metralhador. Há "dispersão" no terreno.

Aqui, o homem está ligado á máquina na maior parte das situações graves. Toda a célula de combate se mantém encerrada em alguns metros. Tudo quanto lhes garante a existência, seu papel na guerra, confunde-se por entre os homens... água... viveres... gasolina... munições...

Nossos homens viverão "em equipas" durante anos inteiros.

É por equipas que se engajam em KOU-FRA a 18 e 19 de fevereiro de 1941 contra a "Saariana di Cufra".

É por equipas que são passados em revista e que depois desfilam diante do General de GAULLE em LARGEAU, em setembro de 1942.

É por equipas, também, que sabem

morrer, como aquela equipe de homens do CAMEROUN que, perdida entre TORO E ZOUAR, foi descoberta depois de quinze dias de pesquisas. Junto aos cadáveres

ressequidos, encontraram-se estas simples palavras: "Se vocês não chegarem dentro de dois dias, estaremos mortos. Viva a França!"

MOURZOUK . . .

...abre a série de raids motorizados saarianos. Este, de extrema audácia, é conduzido pelos Britânicos, aos quais se reuniu um punhado de Franceses, comandados por soldados magníficos, o Coronel d'ORNANO. Trata-se de lançar-se a mais de 500 quilômetros em pleno deserto, aonde não se encontra nem vegetação nem água, por entre fortes e patrulhas adversas, com o fim de levar a desordem aos arraiais inimigos, aterrorizar o adversário, fazê-lo temer uma operação de envergadura — o, sobretudo, colher informações.

Os "raiders" partem de KAYOULÉ e, a 11 de janeiro de 1941, apresentam-se de frente de MOURZOUK. A surpresa foi total, a ponto de os italianos tomarem nossos destacamentos por amigos e os saudarem à maneira fachista.

Quando atacados a tiros, refugiam-se no forte... e nele se encerram. Os franceses atacam o campo de aviação, apoderam-se dele, capturam trinta prisioneiros e incendiam todos os aviões que lá estavam... mas d'ORNANO foi mortalmente ferido ao abordar, de arma em punho, o hangar.

Entretanto, não se pode pensar em assaltar um forte cujas muralhas têm dez metros de altura, que está bem armado e abundantemente guarnecido. Os "raiders" se desferram rapidamente, carregando seus mortos e feridos. A 15 quilômetros de MOURZOUK se detêm na duna... D'ORNANO e um sargento néo-zelandês são inumados lado a lado. Sobre a manta

que envolve o corpo de ORNANO, nossos homens prendem a ancora colonial e a cruz de LORENA. O major inglês CLAYTON lê a prece dos mortos, e repartem.

A 12 de janeiro, no caminho de retorno, o raide apodera-se, sem combater, do pequeno posto de TRACHEM... e a longa marcha prossegue em direção a GATROUM. Apodera-se, de passagem, do pequeno posto de EUILA, reconhece os arredores de GATROUM, que contorna, e se dirige para TEDJÈRE, onde espera achar uma patrulha francesa enviada ao seu encontro, mas foi somente em TOUMMO que se operou a junção.

Volta, em comum, para ZOUAR.

O raide termina atravessando sem dificuldades o canto septentrional da África Ocidental Francesa.

* * *

Com as notícias de MOURZOUK, todo o TCHAD, em sinal de vitória, hasteou suas bandeiras nos "bordjs" fronteiros e nos postos cobertos de palha da zona, dos grandes rios.

Esta primeira vitória foi também um transe cruel. Nós o assinalamos içando as bandeiras em funeral uma hora antes do pôr do sol, como homenagem prestada ao primeiro dos Franceses livres ferido de morte pelo inimigo. Onde tombará o último? Nas planícies da Alemanha? Um estado d'alma semelhante ditou a BAYARD estas palavras, ao saber da morte de GASTON DE FOIX, na tarde de RAVENNE: "Se o Rei ganhou a batalha, é bem certo que os pobres gentis-homens a perderam".

KOUFRA . . .

... minuciosamente preparada, do ponto de vista técnico, pelo major inglês CLAYTON, o raide de MOURZOUK acabava de demonstrar as imensas possibilidades da

coluna motorizada no deserto onde, até então, as operações marchavam a passo de camelo.

O Coronel LECLERC deduziu instan-

taneamente os ensinamentos que os fatos encorravam. Seu espírito lúcido e seu temperamento audacioso deviam conduzi-lo, primeiro, a criar uma tática de inquietação e, mais tarde, uma estratégia de conquistas. Uma e outra farão maravilhas na África, e depois na França, onde seriam coroadas na tomada de STRASBURGO.

Logo depois de MOURZOUK, as tropas de LECLERC vão engajar-se num segundo raide cujo objetivo será KOUFRA.

KOUFRA " um oásis de palmeirais situado a cerca de 1.000 quilômetros do posto de fronteira de TEKRO, em pleno coração de 500 quilômetros do nada desértico. Sua segurança é garantida pela cidadela de EL-TADJ. Um forte quadrado de 150 metros de lado, provido de artilharia e de metralhadoras, flanqueado por baluartes empoleirado no espigão rochoso do DJEBEL-EL-BUD do onde se desvenda, em derredor, o deserto, num raio de 15 quilômetros. A guarnição é de 600 homens, aos quais se juntam uma companhia de defesa móvel e várias esquadrilhas de aviões. Seu campo de aviação serve de ligação das comunicações aéreas entre a LYBIA e a ETIÓPIA, e de base às suas esquadrilhas. Eis aí KOUFRA, símbolo da potência africana da ITÁLIA, disse MUS-SOLINI.

— Um armamento medíocre nas mãos de 400 homens, dos quais 250 combatentes; 60 veículos dos quais 24 de batalha, velhos "BEDFORD" que vieram da NORUEGA, alguns aviões de bombardeio, mas nem um só de caça, e eis como "os de LECLERC" marcharam contra KOUFRA.

Sigamo-los.

Os ingleses, de volta de MOURZOUK, marcham na testa da coluna. Sofrem perdas severas, o major CLAYTON é ferido e cai prisioneiro. Quatro sobreviventes apreendem a volta, a pé, para os nossos postos-avançados, situados a 400 quilômetros.

A 12 de fevereiro, uma caminhonete francesa enviada à sua procura, encontra um cantil que um avião lançara para mi-

tigar-lhes a sede. Nesse cantil, vazio, lê-se gravado a ponta de faca: "Arredores de TEKRO — temos muita sede e fome. Marcha rastro dos autos. Assinado: WIN-CHESTER e MOORS".

À vista desses acontecimentos que mudam completamente a situação, LECLERC decide tentar um reconhecimento ligeiro sobre KOUFRA, com 24 viaturas. Assume o comando. Esse reconhecimento é coroado de êxito. LECLERC retorna, então, às suas bases, organiza e põe em marcha a coluna que vai decidir da sorte de KOUFRA. Esta coluna trava dois combates a 18 e 19 de fevereiro, com a "Sahariana di Cufra". São combates de uma audácia extrema, que se caracteriza pelo desbordamento dos motorizados inimigos. Apesar dos meios serem muito inferiores o adversário é derrotado. Resta, agora, conquistar o forte de KOUFRA. Sua sorte foi selada após dez dias de cerco, assinalados pela inquietação contínua de patrulhas que travam combates levados até à luta corpo a corpo. LECLERC é o primeiro a entrar na praça conquistada a 1.º de março de 1941. Permanecemos por alguns momentos entre os nossos combatentes.

O Padre BRONNER, capelão do TCHAD, é a sentinela postada à entrada do Forte. Com sua longa barba grisalha, armado com um mosquetão, de baioneta calada, exerce sobre os italianos uma impressão tremenda.

É 1.º de março; os italianos acabam de receber suas rações de víveres. O Padre obriga-os a depositar junto à porta do forte os sacos de farinha, as massas, levantando assim uma pirâmide magestosa. Os italianos não compreendem por que razão ele permanece de guarda um dia inteiro. É que, por si só, ele representa a Companhia Europeia da coluna, unidade cuja existência foi imaginada por eles. Tomando nossos senegaleses, os italianos, quando capitularam, haviam pedido que a ocupação do forte fosse entregue às tropas européias.

"De acôrdo, disse LECLERC... ficará BRONNER".

No dia 2, às 8 horas, a bandeira fran-

cesa era içada solenemente no grande mastro do forte. Uma continência d'armas simples e emocionante, encerra essa cerimônia. Voltado para a bandeira, que flutua agora sobre o forte conquistado, o Coronel LECLERC pronuncia algumas palavras: "Não nos deteremos senão quando a bandeira francesa flutuar também sobre METZ e sobre STRASBURGO".

Assim acabava de ser feito o famoso juramento que seria cumprido três anos depois, no dia em que a Divisão LECLERC entrar em STRABURGO.

* * *

Nossos graduados e nossos homens contemplam, satisfeitos, os despojos conquistados.

AS INQUIETAÇÕES DO FEZZAN . . .

Na primavera de 1942, e após minuciosa preparação, LECLERC desencadeia uma guerra-relâmpago, executada por 100 veículos de combate e 500 homens, que atacam simultaneamente dez pontos de um vasto território e se retiram rapidamente, deixando o inimigo sob a impressão de um temor irrefletido, misterioso, diante do silêncio que, súbitamente, sucede à passagem das patrulhas...

Lançam-se todos ao mesmo tempo, como uma tromba: GEOFFROY e ALLAURENT sobre BRACK-SEBHA, — HOUS e DUBUT sobre GATROUM, — DE GUILLEBON sobre TMESSA e ZUILA, — DIO e POLETI sobre TEDJERRÉ, — MASSU para UM e EL-ARANEH.

Para o inimigo, é a "semana do terror". Seus postos de rádio lançam através de um país tão vasto quanto a França apelos desesperados: "GATROUM não fala mais...", "TEDJERRÉ não fala mais...", "TMESSA não fala mais..."; os "Dzigauillisti" (nome dado aos Franceses livres) estão no FEZZAN...

Nossos rádios respondem irradiando para o mundo seus boletins de vitória: "GATROUM destruída", "Guarnição TEDJERRÉ em fuga", "TMESSA em chamas..."

Prisioneiros: 12 oficiais — 52 sargentos e homens de tropa europeus — 325 assaris, ou atiradores líbios;

Materia: 4 canhões de defesa anti-aérea e contra-carros — 48 metralhadoras Breda, Fiat, Schvrazlose — 53 leves — dezenas de milhares de cartuchos — 9 viaturas Spa (material saariana) — 2 Fiat de 7 toneladas — 5 viaturas leves de reconhecimento;

Reabastecimentos:

Um enorme stock de macarrão, de queijo parmezão. Armazens inteiros de sacos de farinha de trigo, de caixas de atum e de leite. Havia com que alimentar nossos atiradores durante semanas.

* * *

Os alemães, num artigo do "Die Wehrmacht", depreciavam essas operações. Seu caráter de subitaneidade, de elasticidade não lhes havia escapado; não perceberam porém, o de sincronização que LECLERC assinalava no início desta maneira: "obter a profundidade imediata do campo de batalha mediante a sincronização das chegadas aos diferentes teatros".

Dominando, talvez, o próprio feito de guerra, esses raides de inquietação proporcionavam às tropas vantagens importantes.

Na ordem moral, o espírito ofensivo era exaltado, e na ordem técnica era um verdadeiro mundo que se desvendava. A conquista do FEZZAN-TRIPOLITANIA nasce na sua concepção, na sua forma, nesse mês de março de 1942.

No dia da partida, viaturas em marcha acelerada para o sul, os homens de LECLERC lançam, por vezes, durante a jornada, um demorado olhar para a retaguarda, para os palmeirais, linhas escurecidas no horizonte das dunas, para os postos conquistados, para os "garas", teatros de tantos encontros com o inimigo...

A medida que desaparecem esses lugares, ontem desconhecidos, mas hoje gravados na sua vida com uma nitidez que somente os atos de guerra imprimem às for-

mas inertes da natureza... os nossos homens sentem crescer-lhes, no íntimo, uma intuição, e depois de uma certeza: "Nós voltaremos".

CONQUISTA DO FEZZAN E DA TRIPOLITANIA ...

... O sinal do retorno lhes foi dado numa tarde de novembro de 1942, num longo telegrama que terminava com estas palavras: "Marchai contra o inimigo".

Foi uma bela tarde.

Desde esta noite, a atividade desenvolveu-se em todo o país. Pela terceira vez, desde 26 de agosto de 1940, a A. E. F. entra em combate. O esforço de hoje vai ultrapassar os precedentes; perto de 5.000 homens, mais de 2.000 veículos, vão constituir a "coluna LECLERC". Há unidades que já estão em marcha ao longo dos grandes rios africanos, tal como essa companhia trazida do CAMEROUN, afirmação viva da vontade que nutre o CAMEROUN de permanecer Francês.

Uma localização das forças realizada de surpresa, do Equador ao TIBESTI, uma base de carburante audaciosamente avançada, quatro dias antes do ataque, a centenas de quilômetros para além da base de partida, vão aumentar a rapidez da arrancada.

Nos centros de atividade, as equipas noturnas se sucedem no trabalho. No rio, as barcaças de KOUSSERI e de YAGONA vogam, quase sem cessar, de uma margem para a outra, transportando homens e material. Inquietados com esse aumento inesperado de ruídos, os animais de caça, antílopes, "phacochères", fogem das proximidades dos caminhos e se distanciam dos postos. As dependências dos estados-maiores conservam suas luzes acesas até muito mais tarde do que antes. O "Círculo dos Tchadianos", local de reunião após o trabalho, perde seu movimento costumeiro. Belo exemplo de um país que aspira à vitória e que sabe o que ela exige.

1.300.000 litros de gasolina, transportados a 1.500 quilômetros de FORT-LAMY, custam um esforço que os técnicos defi-

nem brutalmente por meio de algarismos: "Para transportar 10.000 litros de gasolina, são necessários 35.000!"

Marchai ao inimigo! Sim, é certo, mas o inimigo está longe!

Antes de encontrá-lo, é preciso viver cem vezes a angústia de varar a areia, de ser o homem verdadeiramente sepultado, unido à máquina. É pôr em dúvida a possibilidade de atingir o fim da etapa fixada, sentir crescer no íntimo a revolta contra essa natureza, essa areia maldita; experimentar, em certos dias, um verdadeiro furor, querer quebrar, ferir, injuriar tudo quanto nos rodeia.

É preciso, nas horas de esgotamento, não ser mais do que um homem fraco, vencido, reanimar-se, triunfar seja como for, e depois de 20 ou 30 dias de tal combate — última recompensa — surgirá, súbitamente, a saída de uma duna... ZOUAR e sua bandeira.

"Baroud (1) da areia, primeiro", dizia LECLERC a suas equipas. Sim "Baroud da areia", que exige seus mortos — seus humildes mortos do fígado — com severidade maior que o verdadeiro baroud da metralha.

* * *

Tentemos reviver algumas horas dessa conquista.

A 25 de dezembro, um primeiro comunicado do Quartel General de LECLERC anuncia que um destacamento motorizado italiano foi derrotado.

A 28 de dezembro, o agrupamento DELANGE se instala em UIGH-EL-KÉBIR.

Eis como capitulou OUM-EL-ARANEH, a 4 de janeiro de 1943:

(1) — Demonstração guerreira dos árabes.

São mais ou menos 15 h. 40; concedeu-se um prazo até 16 h. Se às 16 horas não fôr solicitada a capitulação, recomeçará o bombardeio de artilharia e os nossos atiradores partirão ao assalto. 16 horas. Nada de bandeira branca, nenhuma delegação á vista. 16 h. 05. Toda a artilharia desencadeia um fogo acelerado. Na ausencia do major CREPIN, comandante da artilharia, que se achava do lado de oeste, o major GUILLEBON, de Estado Maior, dirige o tiro das peças. Viu, então, em meio aos arrebetamentos dos 75, surgirem bandeiras brancas por todos os lados.

— Cessar fogo !

OUM-EL-ARANEH capitulara.

Dentro em pouco, uma longa coluna sai da posição e avança em direção ás nossas linhas. Nossos atiradores estão prazenteiros : "Tudo isto, Danielis?" Dizem êles (a palavra italiano sendo de pronúncia difícil para os nossos indígenas, habituaram-se a chamar o italiano de Daniel).

A guarnição prisioneira, em continência, é passada em revista : 19 oficiais, 50 italianos, 200 askaris. Visita á posição agora abandonada, fuzis esparços, canhões destruídos, alguns cadáveres ainda insepultos.

Momentos magníficos. Mas quanto lamentamos a ausência de todos aqueles que tinham o direito de gozar semelhantes momentos : rapazes de 20 anos tombados tão cedo, heróicos combatentes de 1940, franceses que resistem hoje á ocupação alemã ou italiana.

A 6 de janeiro : tomada de EL-GATROUM : 177 oficiais e soldados caem nas nossas mãos, bem como importante material.

Eis como foi aprisionada a guarnição de MOURZOUK, a 8 de janeiro, antes mesmo de chegarmos á praça.

O tenente MAHÉ, um dos oficiais aviadores mais brilhantes das Forças da África Equatorial Francesa, fazia a patrulha ao N. de MOURZOUK. A guarnição dessa cidade havia fugido; sua missão era desco-

brí-la. MAHÉ é um fanático, e começou logo a perseguí-la. "Serão êles? massa de cerca de 200 homens... camelos... não há dúvida, são êles!" Pica o vôo, metralha rente ao solo, e provoca a rendição por meio de um bilhete que atira do avião. O avião aterra e a equipagem faz o arrolamento.

O capitão GUENA entra em MOURZOUK a 8 de janeiro, e o comunicado diz em 14 de janeiro : "Em menos de três semanas, as tropas da França Combatente conquistaram todo o território do FEZZAN; os despojos desta campanha orçam já em mais de 700 prisioneiros, 44 canhões, 18 carros de combate, bem como grande quantidade de armas e veículos capturados pelos franceses. Três novas bandeiras vêm juntar-se ás quatro que ornarn a sala de honra do Regimento de atiradores senegaleses do TCHAD".

E a ofensiva prossegue, desta vez na TRIPOLITANIA.

Elementos italianos resistem ainda em GHADANÉS, na fronteira tuniso-tripolitana. O capitão d'ABZAC dirige-se para lá e, sem disparar um tiro, apodera-se da posição, capturando os restos da guarnição, cujo grosso fugira para TRIPOLI. D'ABZAC encontrava a morte, um mês depois, nos combates da linha MARETH.

Em GHADANÉS, as tropas de LECLERC fazem junção com as de GIRAUD, vindas do Sul-Americano.

MIZDA cai, por sua vez, a 21 de janeiro — após um sério combate travado na véspera pelo coronel DIO.

O coronel DELANGE é nomeado governador do FEZZAN.

Entim, a 24 de janeiro, eis TRIPOLI...

* * *

Nossos soldados atravessam a cidade — direção Norte.

Á passagem de seus veiculos esquisitos, cintados de "guerbas" cobertos com uma rede, alguns com a inscrição "TCHAD", ouviam-se gritos : "Os franceses, francesi !"

"Direção Norte", porque o que desejam, o que querem, é ver o mar, o mar que lá ao longe, bate com o mesmo ritmo as costas da PROVENÇA. E o mar aparece súbitamente ao desembocar do castelo de TRIPOLI, azul, de um azul vivo, tal como em CANNES, em NICE e em MARSELHA.

Param. Assim pararam, em novembro de 1918, os nossos regimentos quando avistaram o RENO. A coluna de nossos veículos se estende ao longo das avenidas que bordam o mar e entra na cidade onde, novamente, ao passar, ouvem-se, mais repetidos ainda, os brados: "Franceses! Franceses! Gaullisti!"

Os Britânicos, de passagem, gritam: "Free French!"

Nossos homens sentem-se mal nessas ruas atulhadas de casas, eles que não viam uma cidade desde anos, constrangidos no meio de tantas caras novas entrevistadas numa hora, depois de viverem tanto tempo no círculo estreito das gentes de guerra.

* * *

Esta campanha tem uma característica dominante: é a "rapidez". Já a encontramos nas operações de KOUFFRA, e vê-la-

emos de novo nas da TUNÍSIA, na marcha para PARIS, na batalha motorizada da LORENA, na tomada de STRASBURGO. O chefe de guerra se esclarece na própria observação de seus atos. Assim se revela um traço essencial do General LECLERC: pensa sempre rapidamente, age com rapidez, mais depressa que o inimigo.

Enquanto, conquistado o FEZZAN, nossas tropas se aproximam de TRIPOLI, depois de haver percorrido, desde a base de partida, uma distancia superior á de PARIS — Moscú, o General DE GAULLE expede de LONDRES esta ordem do dia que tem todo o cabimento no final deste resumo das operações saarianas "dos de LECLERC..."

"General LECLERC, sob vosso comando hábil e audacioso, as tropas e a aviação do TCHAD souberam preparar metódicamente e executar com ousadia uma das operações ofensivas desta guerra. Os tesouros de ardor, de disciplina, de coragem que dispenderam constituem para os Franceses submetidos á opressão do inimigo um reconforto poderoso, e para o mundo mais uma prova do que valem nossas tropas quando confiadas a chefes dignos da França."

A CAMPANHA DA TUNÍSIA

Com a campanha de TUNÍSIA, atenua-se a característica marítima das operações no deserto; as equipes não navegam mais com o sextante. Os agrupamentos motorizados já não "fazem o ponto" na tarde dos combates. O olhar já não se perde mais no horizonte longínquo das dunas, espreitando o aparecimento dos veículos inimigos. Vive-se, agora, num mundo que parece diminuído. Por todos os lados o horizonte é cortado. Não mais essas massas rochosas que surgem das areias como imensas "menhirs", as cercas, herdades; todo um mundo vulgar, que se desejaria afastar, repelir, para novamente nos sentirmos "Livres". Nossos homens sentem-se interditos como os nossos marinheiros bretões quando retornam aos seus campos, depois de uma longa travessia.

A ação motorizada perde seu caráter de "encontro de esquadras", de corridas através do "mar de areia". Ganha em subtileza o que perde em amplitude. Há equipagens que levam o combate até á abordagem, enquanto outras sofrem, a menos de 200 metros, o fogo de um inimigo cuja presença não suspeitavam no emaranhado das cercas de cactos e saliências do terreno.

Por vezes, porem, como no Exército Britânico, os motorizados dos dois campos, se colocam, frente a frente, em batalha. Vem ao espírito a visão das batalhas de outrora. Uma linha inteira de engenhos motorizados avança súbitamente. Vitória nesse campo? "Não"! Sob o fogo violento da artilharia, a linha recua também súbitamente! E assim, o combate é feito

de idas e vindas, como um gigantesco jogo de barra. Carros flamejam, nos céus aviões explodem em chamas e depois se despedaçam no meio dos combatentes. Dentro em pouco, a fumaça e a poeira se adensam de tal maneira que não é mais possível acompanhar as fases da ação. Mal se percebem os foguetes, tanto a obscuridade aumenta. A sorte da batalha permanece incerta por muito tempo. É somente o "rádio" que permite a certeza. "Vitória no nosso campo. O passo do EL-HAMMA foi forçado"

* * *

A "mina" introduziu na batalha uma particularidade até então desconhecida. É fora de dúvida que a guerra passada conheceu a mina, a cujo respeito DORGELES fez reviver um verdadeiro drama, mas a guerra de hoje vive um outro drama da mina. O de ontem, era um grande drama em que, numa gigantesca explosão, a morte ceifava as vidas de uma companhia, dum seção inteira. A frente, ao longe, estremeceia, e um relâmpago iluminava a noite... "A herdade de Argélia foi pelos ares..." diziam dez mil vozes ao mesmo tempo... Era um drama excepcional. O de hoje, é um drama restrito, um drama de equipe, por vezes até um drama individual. Uma simples explosão surda — que os não iniciados confundem com o arrebentamento de um obus — ouvida somente a alguns quilômetros... "Ainda uma mina! bem pode ser QUILICHINI, que partiu há pouco em missão", dizem alguns homens enrolados nos seus "Faros".

É um drama de todos os dias, de cada noite, em toda a parte. Drama da frente

como das retaguardas. Vinte veículos passam por uma pista — as equipes vão cantando — e a vigéssima primeira voa pelos ares... Um homem dá alguns passos fora da pista percorrida, desde muitos dias, por milhares de veículos, e se transforma num cadáver esfacelado. Cada qual tem sua sorte. "Saltará". "Não saltará", diz o soldado de hoje, como dizia o "poulu" de ontem. No dia da entrada na TUNISIA, o General LECLERC vai na viatura da testa, quando, súbitamente, vai pelos ares a terceira viatura depois da sua.

As retaguardas do campo de batalha oferecem também aspectos novos. De dia, fitas brancas limitam, através dos campos de minas, as passagens limpas. À noite, fracas luzes-indicadoras indicam aos veículos o canal a seguir. Ao longo dos campos de minas jazem as "Teiler-minen" com as espoletas retiradas e... aqui e ali, um caminhão, um jipe desmantelados, junto aos quais cruzeiros de madeira parecem montar guarda... O homem é morto no mesmo instante que a máquina. São vinte caminhos traçados numa noite pelos carterpillars, são ravinas cortadas por canais profundos onde mergulham numa noite cinco mil veículos. Ao reino do silêncio, do carreiro apenas traçado, sucede-se, em poucas horas, o reino do barulho, da circulação regulada como nas grandes cidades, ao longo de pistas que se denominam: "L Track". "Z Track". E o homem, diante da paisagem súbitamente transformada, perde-se como outrora se perdia no dédalo dos "boyaux" e das trincheiras de VERDUN e da CHAMPAGNE.

A CAMPANHA

A 20 de fevereiro, menos de um mês depois da tomada de TRÍPOLI, as tropas do General LECLERC entram na TUNISIA. Tem nas suas fileiras o 4.º Batalhão Sagrado da Independência Grega, herdeiro dos 300 Tebanos, que, em 371 antes da nossa era, sob as ordens de EPAMINONDAS,

souberam morrer, até o último, para salvar a Pátria.

As tropas de LECLERC são as únicas que vão agir a oeste dos MATMATA. Sua missão, no momento, é uma missão de diversão e de cobertura do flanco esquerdo britânico. Nessa época, com efeito, não

se cogitava de fazer cair a linha de MARETH por desbordamento; a ação principal seria frontal. Os primeiros dias são assinalados por engajamentos parciais; de-

pois, o conjunto das forças do General LECLERC se estabeleceu na região do KSAR RHILANE. O coronel YÉZINET zela judiciosamente pela organização.

ATAQUE DE KSAR RHILANE

A 14 de março, essas tropas vão sofrer um poderoso ataque alemão, apoiado por importantes meios de aviação. Eis algumas fases da batalha que começa ao clarear do dia, para terminar à noite, com a retirada do inimigo.

8. h. 15 — Nossa artilharia começa a atirar sobre os objetivos mais favoráveis. A R. A. F. surge no céu: 34, 35 aviões? Esta intervenção rápida da R. A. F. não podia vir mais a propósito. Era precisamente o momento em que os veículos alemães cerravam sobre KSAR RHILANE, numa longa coluna, ao longo da pista. Os caminhões das peças de artilharia param, e formam, junto às peças, excelentes objetivos. Altas colunas de fumaça negra provenientes de incêndios, erguem-se no horizonte, ao norte... Quatro focos de incêndio são visíveis agora... Explodem munições de artilharia num deles... Feixes de foguetes iluminantes sobem aos céus... A explosão das munições de pequeno calibre é uma crepitação contínua. As batalhas aéreas são curtas, são crises.

11 h. 30 — O ataque alemão atinge agora a posição, vindo do sul. Precede-o o bombardeio de nove Stukas na região do poço. Um canhão do grupo nômade de TIBESTI acerta e incendeia um auto-metralhador alemão. É meio-dia. A R. A. F. surge de novo. Alguns dos focos ateados no começo da manhã são ainda visíveis, mas as equipagens da R. A. F. percebem que, desta vez, a ameaça vem do sul. Os aviões picam sobre os autos-metralhadores que progridem, quatro "flamer" são sucessivamente ateados. Um auto-metralhador foga, com fogo na parte trazeira, até al-

gumas centenas de metros, e, finalmente, pára, todo envolto pelo fogo. Os veículos inimigos desaparecem.

Resta ainda uma face em que o êxito poderá ser tentado: é o lado do léste. É por aí que se vai exercer o próximo esforço alemão.

16 horas — Súbitamente, a Real Força Aérea, ainda uma vez. Não há dúvida... Caminhões em chamas, tropas emassadas, infantaria que se desloca, explosão de obusos... a ação essencial é, agora, a êste. O tiro de nossas armas terrestres imobiliza três autos-canhões alemães. O ataque foi detido novamente.

16 h. 30 — 60 a 70 aviões se engajam numa batalha ao norte da posição.

A noite cai; os restos das tropas alemãs retraiem-se para EL-HAMMA. O General LECLERC, depois de ter percorrido a posição, entra no seu P. C. e dirige às tropas a ordem do dia que se segue:

"Os Boches quiseram tomar KSAR-RHILANE. Atacaram com cerca de 50 engenhos blindados. As tropas do TCHAD, auxiliadas por sets camaradas britânicos e gregos, infligiram-lhes um sério revés, causando-lhes pesadas perdas. O primeiro contacto com o boche foi uma vitória, os outros o serão também. Viva o General de GAULLE, viva a França!"

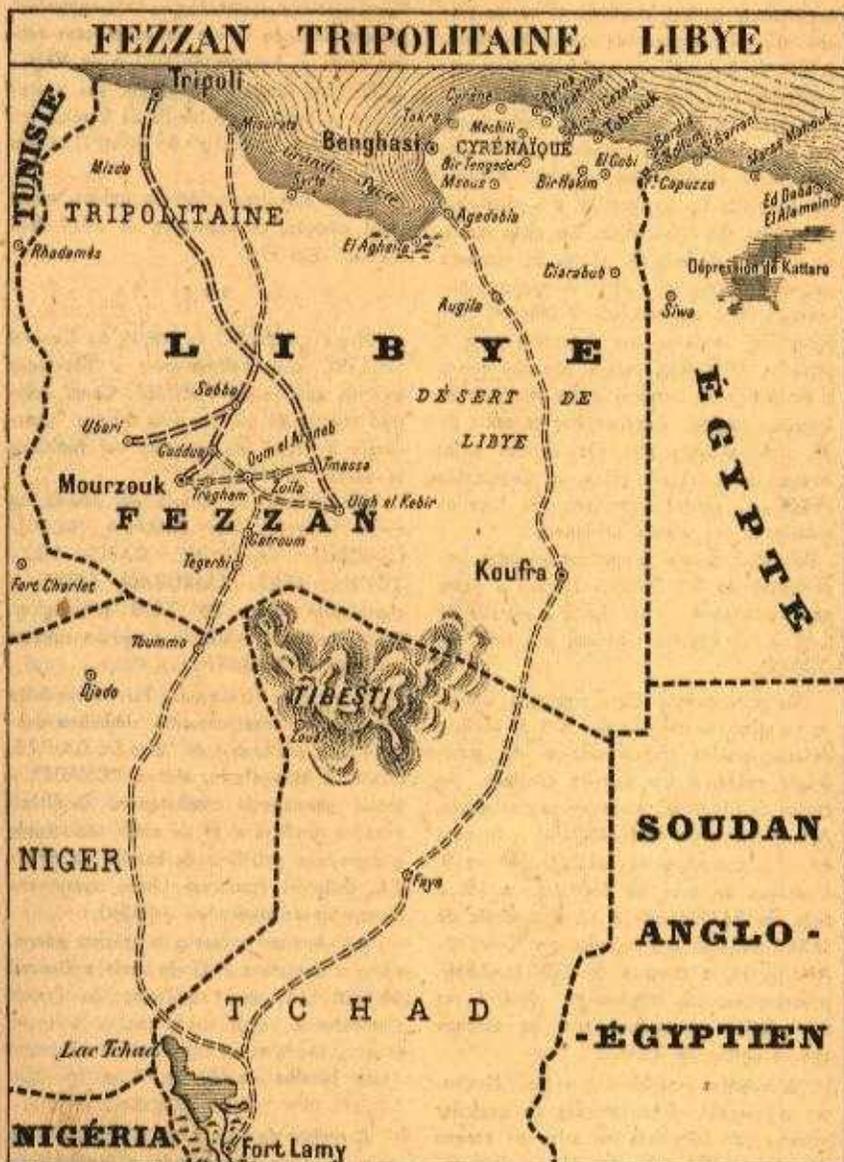
* * *

No dia seguinte de KSAR RHILANE, o 1.º Regimento mixto de SPAHIS marroquinos veio reforçar as tropas do General LECLERC. Regimento de um passado honroso, vai distinguir-se em todas as operações posteriores.

O DJEBEL MELAB

Os combates de patrulhas nos MATMATA, a tomada de DJEBEL OUTID, a

ocupação de BIR-SOLTANE, e depois, de SIDI-RHEZENE assinalarão os dias que se



vão seguir. A 22, as tropas do General LECLERC receberão a missão de apoderar-se dos maciços montanhosos do DJEBEL MELAB. O inimigo tem aí observatórios verdadeiramente notáveis. Desses maciços

comanda todo o passo existente na base das encostas. Os carros do 8.º Exército só poderão desembocar para EL-HAMMA depois que esses maciços tenham sido ocupados. É, portanto, uma nova missão de

importancia capital, confiada ás nossas tropas. Ela vai ser cumprida com brilhantismo. A 23, ás 8 h. 45, nossas formações motorizadas avançam com velocidade acelerada até á base das vertentes dos primeiros contrafortes. Entregando a guarda dos veículos a alguns homens, nossa infantaria precipita-se ao assalto dos djebels... As ordens são transmitidas em altas vozes, de djebel a djebel. Os grupos de combate surgem de toda a parte. A rapidez garante o êxito da batalha. O inimigo, surpreendido, lança-se em desordem para a planície. O alemão, porém, não abandonou a esperança de retomar essas posições de interesse capital. Desoncadeia, na tarde de 24, dois ataques que são detidos pelos nossos fogos. Mais ainda, a Companhia PERCEVAL contra-ataca, põe em fuga os alemães e faz alguns prisioneiros.

Dois dias depois, forças motorizadas importantes do 8.º Exército forçam o passo de EL-HAMMA. Está aberta a estrada de GABÉS. O impulso vitorioso nos leva até OUDREF.

Durante quinze dias, frente a frente, os exércitos se imobilizam. A 5 de abril, a defesa inimiga desmantela-se de novo. Desde então, é u'a marcha contínua. As tropas de LECLERC cooperam notavelmente. A 6, é a tomada de HAIDOUÏ e da cota 62, e a conquista de MEZZOUNA; a 9, o ataque ao colo de BEDOUR; a 10, a ação em FATNASSA; a 12, o combate de SEKRA-KELBIA e a entrada em KAIROUAN; a 14, a tomada de SIDI-EL-ABED, primeiro esporão lançado na planície por um maciço montanhoso que se estende até ás portas de TUNIS.

A batalha estabiliza-se então. Nenhuma progressão rápida através de qualquer terreno. A infantaria se atira ao ataque dos picos... 171, cái a 14; 311, posição capital, a 15; e, na noite de 20, nossos senegaleses apoderam-se da cota 121. Mas o inimigo, agora sólidamente agarrado ao DJEBEL-GARCI, nos inflige perdas diárias.

O fim de abril e o principio de maio assinalam-se por combates de patrulhas.

Das posições conquistadas, os "Minenwerfer" partem silvando e vão rebentar com fragor entre os homens de DIO e de VÉNI-ZET. Esse fragor, esses silvos, são exatamente os mesmos do tempo da heroica resistência dos "colonisais" de POMPELLE em 1918.

Dessa maneira, acham-se unidos, numa igual emoção, os veteranos de 1914-1918 aos de 1939-1943.

Nesta campanha, as tropas do General LECLERC contribuíram para a libertação de três quartos da TUNISIA. Como doloroso tributo de glória, seus mortos "guardavam a terra" do extremo sul tunisiano ás portas de TUNIS.

Conduziram, de vitória em vitória, as cores francesas em REMADA, BORDJ-LE-BOEUF, TATOUINE, GABES MEZZOUNA, SFAX, KAIROUAN, SOUSE e capturaram cerca de 3.000 prisioneiros. Desempenharam relevante papel na ruptura da linha de MARETH.

Enquanto, a 10 de maio, TUNIS em festa aclamava um destacamento simbólico dessas tropas, aos brados de "Viva DE GAULLE, vivam os Senegaleses, viva o TCHAD!", o grosso permanecia combatendo. O último atirador tombava a 14 de maio, assinalando o derradeiro sacrificio da batalha da ÁFRICA, onde os Franceses Livres davam seu sangue desde novembro de 1940.

Um destino poderoso e trágico queria, como o declarava a 15 de maio o General DE GAULLE, que as tropas da França Combatente, as primeiras que se bateram, fossem, também, ás últimas a combaterem nessa batalha da África, "que foi, sem tréguas, uma batalha francesa".

A revista da vitória, em TUNIS, a 15 de maio, afirmava a amplitude, a continuidade dos esforços dos Franceses Livres nessa batalha da África. Na tribuna de honra, á sombra das palmeiras, e no deslumbramento da mesma luz de glória, os generais DE LARMINAT, KOENIG, LECLERC, LELONG eram a afirmação viva desse feito.